

20-11-2020

“De que amanhã se trata?”

Francine de Souza Dias

[Assistente Social. Doutoranda Ensp/Fiocruz]

O mês de dezembro se aproxima e com ele surgem momentos ora de retrospectiva do ano que se finda, ora de projeções e expectativas sobre o ano que virá.

2020 encerrará com 10 meses de pandemia e de um luto que não se mede em estatísticas; décadas de retrocessos, muitos com efeitos irrecuperáveis; pequenos avanços nas urnas, sobretudo nos legislativos municipais; rearranjos sociais. Micropolítica, mais do que nunca, como espaço de sobrevivência, de afago e de luta diante da avalanche de tristeza, medo e revolta que invadiu nossos corpos nos últimos tempos – sob a regência do pior presidente que o Brasil já teve, embora *fazedor de discursos patrióticos*. Com Victor Hugo, em *Cantos do Crepúsculo*, publicado há mais de 180 anos, recupero sua provocadora pergunta para seguir adiante: “De que amanhã se trata?” Para ele, tudo na sociedade encontrava-se em estado de crepúsculo, fossem ideias, coisas ou indivíduos. Não foi à toa que me lembrei de *Os Girassóis de Van Gogh*, por Manoel. Vincent Van Gogh pintou seus Girassóis no mesmo século em que Victor Hugo nos ofereceu seus Cantos, pouco tempo antes de morrer.

Esse espaço de tempo entre o amarelo dos Girassóis e a finitude de Vincent nos mostra a potência da vida em meio ao caos, o que ele é capaz de produzir a despeito do sofrimento e da dor. O caos nos revela um *devenir*.

Lembrei de Manoel porque ele viu *Soldados cantando por estradas de sangue / Frescura de manhãs em olhos de crianças / Mulheres mastigando as esperanças mortas*.

Viu homens ao *crepúsculo* recebendo o amor no peito.

Viu homens recebendo a guerra / Recebendo o pranto como balas no peito / E, como a dor lhe abaixasse a cabeça, ele viu os girassóis ardentes de Van Gogh.

Penso comigo, uma vez mais: o caos nos revela um *devenir*. Dizem os livros que Victor Hugo não vivia um momento otimista quando escreveu seus Cantos. Como ser otimista, a qualquer tempo? Como ser otimista nesses tempos? Penso que o exercício da escrita instaura outros possíveis, assim como a arte, assim como o caos, assim como o próprio crepúsculo. Para dar forma a uma nova manhã ou a uma nova noite, temos no crepúsculo uma via de transformação. Um processo. Por essa percepção também entendo, como o poeta, que estamos tudo e todos em estado de crepúsculo. Se para alguns isso pode não ser muito bom, certamente não é de todo ruim. Talvez, seja esse o nosso estado necessário, em todos os tempos.

O “amanhã” está em processo, diariamente.

Ele provoca nossa capacidade de inventar, criar, fazer. Não se trata de partir de atitudes e fazeres inéditos a cada dia, somos continuidade do que fomos ontem.

O amanhã está se reinventando hoje, a partir de múltiplas forças que o atravessam e constituem. Individualmente compomos um desses elementos; agenciados, outros deles. Penso que tratar do amanhã implica, no presente, encontrar agenciamentos no caos, entender nossas forças individuais, pontos de apoio e porque não, rever, quantas vezes forem necessárias, *Os Girassóis* de Van Gogh. De que amanhã se trata? Penso com Deleuze que se trata de perceber o Caos na sua capacidade criadora de outros possíveis, romper a velha ordem – o “velho” ou o “novo normal”, que já nasce abortado. Que os desejos fecundem diferenças, germes rumo à criação de realidades outras. De que amanhã se trata? De um exercício de invenção, talvez. Lembremos que o não criar, o não inventar e o não fazer também produzem o que vai chegar. Apeetece mais sentir o presente, suas relações e afetos. Produzir conexões, agenciamentos de corpos e forças criativas, singulares, plurais. Fazer *comunhão com as aves / comunhão com as chuvas / comunhão com os rios, com os ventos, com o sol, com os sapos / comunhão com borra, comunhão com os seres que incidem por andrajos / comunhão com o começo do verbo*. Salvar o amanhã como Manoel salvou as palavras da morte por clichê, brincando, desobedecendo, transfazendo coisas, inclusive resgatando as que foram deixadas de lado e chamadas de inúteis; questionando utilidades e importâncias.

O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasma essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...

Fernando Pessoa



Descrição da Imagem
Foto de um campo com girassóis na cor amarela, no Mato Grosso do Sul, terra de Manoel de Barros.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.